

Revisão Integrativa da Literatura


**X ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA
INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS
DIREITOS HUMANOS**
ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877
**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié, 6, 7 e 8 de outubro de 2025**
**PAPEL DA ENFERMAGEM NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA
OBSTÉTRICA: REVISÃO INTEGRATIVA**

Amanda de Alencar Pereira Gomes¹
Renara Meira Gomes de Carvalho²
Jéssica dos Santos Simões³
Bárbara Santos Santana⁴
Vanda Palmarella Rodrigues⁵

Introdução

A conceituação da violência obstétrica abrange aspectos de maus-tratos físicos e psicológicos relacionados à assistência à saúde de mulheres no processo de gestar e parir, bem como falhas na estrutura do ambiente que receberá a parturiente para o cuidado ao parto. Essa violência é uma realidade obscura, que ocorre rotineiramente e causa inquietação aos profissionais que buscam uma reforma obstétrica para humanização do parto (Nascimento; Souza, 2022).

Para que ocorram mudanças no modelo obstétrico e a assistência ao parto seja baseada em evidências científicas, a enfermagem obstétrica desempenha um papel fundamental. A formação em obstetrícia inclui saberes que permitem o cuidado integral à mulher, implementação de boas práticas, orientação sobre os direitos reprodutivos e resgata a visão do parto como um processo fisiológico, promovendo o conhecimento sobre a violência obstétrica e a confiança da mulher em parir (Silva *et al.*, 2024).

Estudo realizado com 287 puérperas apontou que 12,5% das mulheres reconheceram ter sofrido desrespeito e abuso no parto, contudo, as falas das participantes remetem ao desconhecimento, de fato, de práticas obsoletas como uma forma de violência (Martins *et al.*, 2021). Nesse sentido, identifica-se a necessidade de maior direcionamento às mulheres, para procurarem o serviço de saúde embasadas em conhecimentos advindos principalmente de profissionais de saúde capacitados.

¹Enfermeira. Doutoranda em Ciências da Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem e Saúde (PPGES) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Jequié. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). E-mail: amanda.alencarpg@gmail.com

² Enfermeira. Doutoranda em Ciências da Saúde pelo PPGES da UESB. E-mail: renaraenf@gmail.com

³ Enfermeira. Doutoranda em Ciências da Saúde pelo PPGES da UESB. E-mail: jessica-b7@hotmail.com

⁴ Enfermeira pela Faculdade de Excelência (UNEX) Campus Jequié. E-mail: barbara.santana1@ftc.edu.br

⁵ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do curso de enfermagem da UESB e do PPGES. Líder do GPVIO. E-mail: vprodrigues@uesb.edu.br

A educação é uma ferramenta fundamental para solucionar problemas e no âmbito da saúde, a enfermeira tem potencial de protagonizar momentos de aprendizado para que as mulheres sejam protagonistas do parto. Da mesma forma, ampliar os conhecimentos das mulheres e dos profissionais possibilita humanizar o cuidado e reduzir as formas de violências físicas e morais constantemente vivenciadas pelas mulheres (Nascimento *et al.*, 2022).

Objetivo

Discorrer sobre o papel da enfermagem no enfrentamento da violência obstétrica.

Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Para tanto, foi elencada a seguinte questão norteadora através da estratégia PICO: Qual o papel da enfermagem no enfrentamento da violência obstétrica na assistência ao parto? Sendo o P designado aos enfermeiros/equipe de enfermagem, I o enfrentamento da violência obstétrica e Co a assistência ao parto. Para responder tal questionamento foram realizadas buscas no mês de setembro de 2025 na Biblioteca Virtual da Saúde (BVS), no Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (Medline) do portal da National Center for Biotechnology Information da National Library of Medicine (PubMed) e no Portal de Periódicos Scientific Electronic Library Online (SciELO).

Para a busca dos artigos foram utilizados descritores pertencentes ao DeCS “violência obstétrica”, parto e enfermagem e o operador *booleano* AND. Para a busca na Pubmed os descritores utilizados pertencentes ao MesH foram: violence, nursing e "labor, obstetric". Para a seleção dos estudos foram estabelecidos critérios metodológicos que incluíram artigos nos idiomas português, inglês e espanhol, publicados nos últimos cinco anos. Os critérios de exclusão adotados foram: documentos repetidos, que não respondessem à questão norteadora do estudo, além de teses, dissertações, monografias e outros tipos de documentos.

Inicialmente foram encontrados 102 artigos nas bases de dados selecionadas para este estudo, contudo, após a utilização dos filtros esse número foi reduzido para 52 artigos. Após a leitura dos títulos, resumos e resultados na íntegra, sete artigos foram selecionados para compor a amostra desta revisão.

Por sua vez, os artigos foram agrupados por temas: Humanização do parto e assistência profissional qualificada, Persistência de práticas inadequadas e violência obstétrica e Protagonismo da enfermagem no enfrentamento da violência obstétrica e promoção de boas práticas.

Resultados e Discussão

Humanização do parto e assistência profissional qualificada

O suporte profissional na assistência ao parto com foco na humanização, cuidado e bem-estar é desempenhado, notadamente, pela equipe de enfermagem, o qual se faz fundamental para a vivência das parturientes de boas práticas de um parto seguro (Nascimento *et al.*, 2022).

É evidenciado que a assistência qualificada prestada à parturiente está relacionada a procedimentos de saúde baseados em conhecimentos científicos sistematizados e atualizados, de forma a suprir as necessidades individuais do binômio. Para tanto, os profissionais das maternidades devem estar em constante atualização por meio de educação continuada para garantir cuidado seguro e mudanças de paradigmas que destaquem o papel de enfermeiras obstétricas no processo de desmedicalização e patologização do processo da gestação, parto e nascimento (Nascimento *et al.*, 2022; Silva *et al.*, 2024).

Persistência de práticas inadequadas e violência obstétrica

No contexto da assistência ao parto observa-se, no entanto, atuações dicotômicas, enquanto alguns profissionais sustentam práticas baseadas em evidências científicas, outros as pautam em ensinamentos e experiências relativas à época de sua formação, mesmo que estas estejam desatualizadas. O maior tempo de formação mostrou-se relevante para justificar principalmente, práticas médicas inadequadas (Mattei *et al.*, 2024).

São descritas na literatura diferentes formas de violência obstétrica, perpassando falas desrespeitosas ou que humilham as mulheres através da violência verbal/psicológica, episiotomias e manobras de *Kristeller*, puxos dirigidos, entre outros maus-tratos. Estas práticas obsoletas continuam a ser reproduzidas, em sua maioria, por falta de atualização profissional e abordagem mais precisa da temática durante a graduação nos cursos de saúde (Gomes *et al.*, 2024).

Protagonismo da enfermagem no enfrentamento da violência obstétrica e promoção de boas práticas

Apesar da necessidade de uma abordagem multiprofissional para combater a violência obstétrica, as enfermeiras possuem posição privilegiada por estarem mais próximas e prestarem cuidados diretos à parturiente. Assim, durante a assistência à gestação ou ao parto, estas profissionais são imprescindíveis no enfrentamento de práticas abusivas e desrespeitosas, tanto no quesito educativo ou na realização de intervenções de enfermagem humanizadas (Mesquita *et al.*, 2024).

Outro cuidado de enfermagem no enfrentamento desse agravo é assegurar ao máximo a redução de procedimentos invasivos, principalmente os considerados violências, como ruptura de membranas, episiotomias, aceleração ou indução do parto, partos instrumentais ou cesarianas, a menos que tenham indicação clínica necessária decorrentes de complicações, sendo sempre, a decisão profissional devidamente comunicada à mulher (Castro; Rocha, 2020).

A atuação de enfermeiras, sobretudo com especialização em obstetrícia, proporciona às mulheres apoio psicológico, medidas não farmacológicas para alívio da dor, atividades que ajudam na evolução do trabalho de parto como as diferentes posições para o nascimento, benefícios do parto normal e importância da dieta e ingestão hídrica durante o processo parturitivo. Além disso, enfermeiras obstetras transmitem à equipe multiprofissional, visibilidade para práticas atualizadas e compartilham discussões sobre estudos recentes desmistificando boas práticas e violência obstétrica, entre teoria e prática (Mesquita *et al.*, 2024).

Como expectadoras ativas do processo do parto, as enfermeiras apresentam um papel fundamental para prevenir ou perpetuar práticas abusivas durante o gestar e parir. Dessa forma, espera-se que essa categoria profissional proporcione melhor atendimento e promova o vínculo com as pacientes, para melhores desfechos perinatais e redução do trauma proporcionado pela vivência da violência obstétrica na vida das mulheres (Runyon *et al.*, 2023).

Conclusão

O enfrentamento da violência obstétrica perpassa o atendimento multiprofissional, no entanto, a enfermagem, desempenha papel fundamental em orientar, educar e promover assistência humanizada baseada em evidências científicas às gestantes e parturientes. O cuidado direcionado e respeitoso minimiza as diferentes formas de violência vivenciadas pelas mulheres e promove mudanças no cenário obstétrico.

Para que as mulheres se empoderem e reconheçam práticas desatualizadas como formas de maus-tratos é necessário que profissionais empenhados utilizem como estratégia a educação em saúde, especialmente durante o pré-natal, para que no momento do parto, boa parte das orientações já tenham sido sinalizadas.

Frente aos achados, identificou-se como as enfermeiras obstetras atuam com responsabilidade para promover cuidado humanizado, com técnicas de conforto e suporte emocional, além de sensibilizar a equipe quanto às práticas recomendadas e atualizadas conforme diretrizes e protocolos assistenciais.

Descritores: Enfermagem. Parto. Violência Obstétrica.

Eixo Temático 1: A saúde coletiva no enfrentamento da violência.

Referências:

CASTRO, Antonia Tainá Bezerra; ROCHA, Sibeles Pontes. Violência obstétrica e os cuidados de enfermagem: reflexões a partir da literatura. **Enfermagem em Foco**, Brasília, DF, v. 11, n. 1, p. 176-181, jun. 2020.

GOMES, Amanda de Alencar Pereira; GOMES, Renara Meira; RODRIGUES, Vanda Palamarella. Violência obstétrica e o contexto da formação profissional em saúde: revisão narrativa. **Revista Saúde.com**, Jequié, BA, v. 20, n. 3, p. 3348-3357, set. 2024.

MARTINS, Ana Cláudia Magnus *et al.* Factors associated with a positive childbirth experience in Brazilian women: A cross-sectional study. **Women Birth**, Austrália, v. 34, n. 4, p. e337-345, jul. 2021.

MATTEI, Greici Naiara *et al.* Assistência ao parto por profissionais de saúde: atuações conflitantes em obstetrícia. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 77, n. 6, p. 1-8, dec. 2024.

MESQUITA, Elizabeth de Paula *et al.* Parto humanizado: O papel da enfermagem na prevenção da violência obstétrica. **Nursing**, São Paulo, v. 28, n. 315, p. 9411-9415, set. 2024.

NASCIMENTO, David Ederson Moreira do *et al.* Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. **Nursing**, São Paulo, v. 25, n. 291, p. 8242-8253, ago. 2022.

NASCIMENTO, Raphaela Correia do; SOUZA, Ana Carolina Ferreira de. A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica. **REVISA**, Goiânia, v. 11, n. 2, p. 149-162, maio, 2022.

RUNYON, Maggie C. *et al.* Exposing the Role of Labor and Delivery Nurses as Active Bystanders in Preventing or Perpetuating Obstetric Violence. **Nursing for women's health**, Washington, v. 27, n. 5, p. 330-36, oct. 2023.

SILVA, Isadora Coquevilli da *et al.* O enfermeiro como facilitador do parto humanizado e protetor do direito das mulheres. **REVISA**, Goiânia, v. 13, esp. 2, p. 1092-1109, out./nov. 2024.